

OPTIMO MAGISTRO  
SODALIVM  
ET AMICORVM  
MVNVS

Homenagem  
a Aires A. Nascimento  
pelo seu 80.º aniversário

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

LISBOA • 2022

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00019/2020.

Título

**OPTIMO MAGISTRO SODALIVM ET AMICORVM MVNVS**

Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80.º aniversário

Autores

Arnaldo do Espírito Santo

Maria Cristina Pimentel

Paulo Farmhouse Alberto

Rodrigo Furtado

Capa

Rui Gomes (Segmento de Mercado: [www.segmentodemercado.com](http://www.segmentodemercado.com))

Edição

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Depósito legal

495684/22

ISBN

978-972-9376-63-4

DOI

<https://doi.org/10.51427/10451/52093>

Data da publicação

Abril de 2022

Tiragem

200 exemplares

Composição e Impressão

PUBLITO – Estúdio de Artes Gráficas, Lda. – Braga

# S. Jerónimo e os “métodos de traduzir”... Uma homenagem à tradução da sua *Carta a Pamáquio*, por Aires A. Nascimento

TERESA SERUYA

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /  
CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura  
da Universidade Católica Portuguesa  
t.seruya@letras.ulisboa.pt

## 1. História da tradução: as questões que se repetem e (quase) não têm resposta<sup>1</sup>

De que se ocupa a história da tradução, quando se toma consciência do seu âmbito potencial, começando no próprio entendimento das múltiplas faces do fenómeno tradutório? Esta multiplicidade inclui, de forma sintética, o próprio acto de traduzir e toda a sua circunstância, que envolve o tempo, o espaço e a própria pessoa do tradutor; os vários agentes envolvidos no processo, os destinatários e receptores da tradução e a acção e os efeitos desta no seu tempo e ao longo do tempo. É claro que a investigação no âmbito da (relativamente) recente área disciplinar dos Estudos de Tradução tem aprofundado estes vários aspectos mais ou menos separadamente, conforme o interesse e a especialização do estudioso, ou a finalidade da investigação (científica ou didáctica). Temos, contudo, tentativas de abordagens mais generalistas, de resposta às perguntas quem traduziu o quê, quando e porquê – caso da *Histoire de la traduction*, de Michel Ballard (2013) que começa no Antigo Egipto e termina nos começos do século XX. Histórias da tradução parciais temos várias, seja quanto ao âmbito geográfico, ou **geográfico-cultural** (a *Histoire de la traduction en Occident*, de van Hoof [1991]); **nacional** (*História de la traducción en España*, org. por Francisco Lafarga e Luis Pegenaute [2004]); **linguístico** (*Histoire des traductions en langue française*, sob a direcção de Yves Chevrel et al., projecto para 4 volumes nas edições Verdier, cujo primeiro volume, dedicado ao século XIX, foi

---

<sup>1</sup> As *Questões que se repetem* é o título de uma “breve história da filosofia” por P. Tunhas, A. Abranches, Lisboa, D. Quixote, 2012.

publicado em Outubro de 2012, um segundo volume, abrangendo os séculos XVII e XVIII, 1610-1815, em 2015); a outra obra que cabe neste critério, e tem sido muito influente até aos dias de hoje é da autoria de Lawrence Venuti, *The Translator's Invisibility* (2.<sup>a</sup> ed. 2008) que, não obstante ter como subtítulo “a history of translation”, na verdade é uma história da tradução em língua inglesa; ou **tipológico** (centrado num só tipo de texto), como a obra em cinco volumes *Oxford History of Literary Translation in English* (2005-2008). Mas o empreendimento porventura mais relevante pela sua **abrangência** e **aproximação à universalidade** (apesar do seu enfoque na agência dos tradutores) é da autoria de Delisle e Woodsworth, a sua *Translators through History* (2<sup>nd</sup> ed. 2012), ao qual poderíamos acrescentar a segunda parte (“History and Traditions”) da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* organizada por Mona Baker (2.<sup>a</sup> ed. 2009) por ter a pretensão de incluir todas as culturas (excepto a portuguesa...).

Um dos possíveis objectos de uma história parcial da tradução poderia ser a reflexão crítica, ao longo do tempo, sobre a actividade em si enquanto produção textual. Esta reflexão mostra, desde os seus primórdios, um pendor fortemente prescritivo, que, em regra, parte da discussão sobre o traduzir à letra ou pelo sentido. Conforme tradições de época ou a actividade do praticante que, em simultâneo, reflecte sobre a sua prática, a “prescrição” oscila entre os dois lados da dicotomia, redundando, afinal, na discussão milenar sobre os “métodos de traduzir”.

Justamente nos primórdios desta discussão encontramos Cícero, com cujas considerações habitualmente se iniciam antologias sobre tradução (teoria e história), como por exemplo em Miguel Ángel Vega (1994), *Textos Clásicos de Teoría de la Traducción*, que segue um princípio cronológico: Cícero, Plínio, Sto. Agostinho, Jerónimo. Como se vê pelo título da obra, estes autores são considerados “teóricos” da tradução, não o sendo verdadeiramente. Na verdade, as primeiras reflexões conhecidas sobre tradução resultaram da sua prática, no caso de Cícero com enfoque na oratória, em Jerónimo sobretudo na tradução da Bíblia. Fica para outra altura a discussão sobre se são “teoria”<sup>2</sup>.

É consensual, como podemos ler na obra de Per Qvale *From St Jerome to Hypertext*, com o subtítulo “Tradução na teoria e na prática”, que é “na Roma antiga, em ligação com traduções e imitações da literatura grega, que se encontram as primeiras observações teóricas sobre a arte da tradução”<sup>3</sup>. Na verdade, os gregos sempre se haviam demarcado de outros povos de língua diferente, pelo que é quase “imperceptível o lugar concedido ao processo de contactos estabelecidos” e, apesar das colónias instaladas em diferentes zonas da costa mediterrânea, “tudo [neles, na cultura grega]

---

<sup>2</sup> Cf. L. VENUTI, *The Translation Studies Reader*, London / New York, Routledge, 2012 [3.<sup>a</sup> ed.], pp. 3-6.

<sup>3</sup> P. QVALE, *From St Jerome to Hypertext. Translation in Theory and Practice*, trad. Norman R. Spencer, Manchester / Northampton, St Jerome Publishing, 2003 (edição original norueguesa, 1998).

convergência para o desenvolvimento de uma cultura centralizada sobre os seus costumes e sobre a sua língua<sup>4</sup>. Recorde-se, também, o sentido do termo “bárbaro” para os gregos. Por outras palavras, a tradução não floresceu na Grécia e até um prestigiado historiador da tradução como o acima referido Michel Ballard fala em “desprezo pelas outras línguas”: “Les V<sup>e</sup> et IV<sup>e</sup> siècles av. J. C., qui voient s'épanouir le théâtre et la poésie avec Eschyle, Sophocle, Pindare, etc., ne sont marqués par aucune traduction. Le mépris pour les autres langues et la plupart des autres civilisations fit qu'il n'y eut pas de pratique officielle, courante et attestée, de la traduction en Grèce”<sup>5</sup>. Coube, assim, a Roma um lugar pioneiro na história da tradução, pela acção de Lívio Andronico na prática da actividade (tradução para latim da *Odisseia* em meados do século III a.C.), mas é, sem dúvida, Cícero quem primeiro pensa sobre a sua prática, com conhecimento directo da matéria – as suas próprias traduções dos discursos de Ésquines e Demóstenes, além da sua experiência como orador. É assim que logo sistematiza os dois modos de traduzir ao seu dispor: “Não os verti [a Ésquines e Demóstenes] como simples transpositor [*fidus interpres*, referindo-se à tradução literal], mas como homem de letras, mantendo o mesmo fraseado com as suas figuras de linguagem e de pensamento, em palavras correspondentes à nossa tradição. Não tive realmente por imperioso traduzir palavra a palavra (...) [mas] nem por isso deixámos de manter inteira correspondência” (*Carta a Pamáquio...*, 61 e 63)<sup>6</sup>. Brunno Vieira, no seu estudo “Cícero e seu projeto tradutório” ressalta correctamente o grande alcance das reflexões ciceronianas, que nos fornecem “um sólido testemunho sobre esse campo de atuação [a tradução], ao ensaiar um projecto de tradução em que delimita: procedimentos de transposição; lugar do texto original; lugar da tradução, e considerações sobre o contexto de recepção de traduções em sua época”<sup>7</sup>.

Porém, há que reconhecer que o contributo de Jerónimo foi bem mais influente e duradouro que o dos seus antecessores, porventura por ser mais sistemático e argumentado. Não por acaso veio a tornar-se o patrono dos tradutores. É claro que aí está a chamada *Vulgata* para mais do que justificar esse estatuto. Contudo, no âmbito dos Estudos de Tradução, nomeadamente a nível da História e do ensino, não é este o mérito de Jerónimo que “ficou para a história”, mas sim um documento privado, a “carta magna do tradutor”, nas palavras acertadas de Aires Nascimento<sup>8</sup>. Ou seja, a *Carta a*

<sup>4</sup> A. A. NASCIMENTO, “O estatuto do tradutor: de mediador cultural a intérprete do texto (condições históricas com reflexão de permeio)”, in *A Profissionalização do Tradutor – VI Seminário de tradução científica em língua portuguesa (Lisboa, 10 e 11 de Novembro de 2003)*, Lisboa, FCT / União Latina, 2004, p. 5.

<sup>5</sup> M. BALLARD, *Histoire de la traduction. Repères historiques et culturels*, Bruxelles, de Boeck, 2013, p. 14.

<sup>6</sup> Cito da edição portuguesa da *Carta a Pamáquio, sobre os problemas da tradução*, pp. 61 e 63. É o próprio Jerónimo que cita Cícero, na tradução de Aires Nascimento.

<sup>7</sup> B. VIEIRA, “Cícero e seu projeto tradutório”, *Calíope*, 15, 2006, 25.

<sup>8</sup> A. A. NASCIMENTO, “Introdução”, in São Jerónimo, *Carta a Pamáquio sobre os problemas da tradução, Ep. 57*. Introdução, revisão de edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento, Lisboa, Ed. Cosmos, 1995, p. 11.

*Pamáquio sobre os Problemas da Tradução* afinal é verdadeiramente o primeiro grande texto programático sobre tradução na tradição do Ocidente, tendo conquistado um estatuto de texto fundacional incontestado. Muitos estudiosos da tradução podiam ser convocados para o atestar, mas basta recordar um dos mais marcantes e influentes, Lawrence Venuti que, na sua indispensável antologia de referência *The Translation Studies Reader*, põe a Carta a Pamáquio à cabeça do seu primeiro capítulo “Foundational statements”<sup>9</sup>.

Regressando à expressão de Aires Nascimento “carta magna do tradutor”, repare-se que diz “do tradutor” e não “da tradução”. Pergunta-se então: De que fala este texto, de que falam, aliás também, os seus antecessores, começando por Cícero, mestre confessado de Jerónimo? Não há dúvida de que é sobre o **como** traduzir, sobre os **métodos de tradução**. É discutível que uma metodologia pertença à teoria no sentido mais abstracto ou académico do termo, pois esta não responde ao **como** traduzir, centrando-se preferencialmente em interrogações de teor ontológico. Mas não é esta discussão que agora nos ocupa. O que queremos registar é que Cícero falou mesmo sobre o como traduzir, como se viu acima. Jerónimo seguiu-o não só na dicotomia, que se empenhou em justificar, como na opção da tradução pelo sentido, que argumentou e densificou tão convincentemente que c. de dois milénios mais tarde parece nada ter perdido da sua validade. É assim que alguém tão eminente como George Steiner escreve na sua obra monumental *After Babel* (1.<sup>a</sup> ed. 1975, trad. portuguesa *Depois de Babel*, 2002, da qual se cita):

Pode sustentar-se que todas as teorias da tradução (...) são apenas variantes de uma única questão incontornável. (...) Qual é a relação de correspondência óptima entre o texto A na língua de partida e o texto B na língua de recepção? O problema tem vindo a ser debatido há mais de dois mil anos. Mas haverá alguma coisa de substancial a acrescentar à posição de S. Jerónimo das alternativas: *verbum e verbo*, palavra por palavra no caso dos mistérios, mas sentido por sentido, *sed sensum exprimere de sensu*, em todo o outro lugar?<sup>10</sup>

E acrescenta ainda: “Seja qual for o tratado de tradução que consultemos, somos confrontados com a mesma dicotomia: ‘letra’ e ‘espírito’, ‘palavra’ e ‘sentido’”<sup>11</sup>. É certo que Steiner também parece incluir o método na teoria, porém, a formulação da primeira pergunta citada (“qual a relação de correspondência óptima...”) pode ser considerada teórica, nos termos que referimos atrás; já a interrogação sobre as “alternativas” do fazer é claramente do domínio do método. De qualquer modo, o que aqui queremos sublinhar é a longevidade, digamos epistemológica, da dicotomia, apesar

---

<sup>9</sup> L. VENUTI, op. cit., 2012, pp. 21-30.

<sup>10</sup> G. STEINER, *Depois de Babel. Aspectos da linguagem e tradução*, trad. de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio D'Água, 2002 [*After Babel. Aspects of Language and Translation*, 1975], p. 300.

<sup>11</sup> G. STEINER, op. cit., p. 300.

de algumas metamorfoses que tem sofrido. Porventura a mais influente no nosso tempo é a do filósofo, teólogo e tradutor alemão Friedrich Schleiermacher (1768-1834) que, na conferência proferida em Berlim em 1813 *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, introduziria a nova formulação “tradução domesticante” vs. “tradução estranhante”, correspondendo, aproximadamente, o método domesticante à tradução livre ou pelo sentido, enquanto que a opção pelo efeito de estranhamento visa preservar, no texto de chegada, o máximo possível das características do texto de partida, nos seus diversos níveis. Neste caso, que se aproxima da tradução literal, o leitor da tradução confronta-se com o inusitado, a infracção até, na sua língua, mas tem um vislumbre, um acesso facilitado ao “original”, que é o objectivo da tradução defendido por Schleiermacher. Enquanto isso, a própria língua e cultura de chegada potenciaram as suas capacidades expressivas. Claro que se verifica, na actualização da tradicional dicotomia, uma certa inversão das posições valorativas, na medida em que, no diálogo entre culturas que a tradução também é, a apropriação inevitável que a tradução acarreta é compensada pelo esforço não só de tornar mais presente a cultura de origem (no respeito pela diferença!) como de introduzir sangue novo na língua / cultura de chegada, ou seja, induzir um “alargamento cultural”, nas palavras de Walter Berschin<sup>12</sup>.

Explicar satisfatoriamente esta longevidade é, certamente, um dos três grandes desafios, ou mesmo interrogações da história da tradução. Os outros, segundo cremos, são explicar o envelhecimento das traduções que, aliás, se combate com retraduições pelas novas gerações, e ainda compreender e explicar porque é que não há progresso ao longo do tempo na qualidade da tradução, isto é, pensando em exemplos extremos, porque é que é impossível afirmar que Frederico Lourenço traduziu **melhor** a Bíblia do que Jerónimo, ou porque é que não conseguimos ler hoje as traduções de Homero feitas pelo século XIX? Um caminho para uma resposta pode ser uma certa estabilidade no fenómeno da tradução (que não na sua definição): um texto que só existe porque tem outro atrás, o qual é, assim, perpetuado pelas mais variadas razões e circunstâncias e de modos diversos, mas que tem de manter a referida relação de correspondência com a sua origem, sob pena de deixar de ser o que é. Sendo, portanto, a tradução uma reescrita, está dependente do estado da língua num determinado momento. Traduz-se sempre do passado para um presente, que rapidamente se torna passado.

## **2. A edição da tradução portuguesa da *Carta a Pamáquio sobre os problemas da tradução*, Ep. 27, por Aires Augusto Nascimento**

Só em 1995 pudemos ter uma edição fidedigna da *Carta a Pamáquio* em língua portuguesa. Que eu saiba o Prof. Aires Nascimento não respondeu a uma encomenda, isto é, fê-la sem contactos institucionais ou até pessoais

---

<sup>12</sup> Apud A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2004, p. 2.

com os colegas ligados ao ensino ou ao estudo da Tradução, o que só lhe aumenta o mérito. E, no entanto, a existência deste texto em versão portuguesa, junto com outros, está na origem dos Estudos de Tradução em Portugal como área disciplinar, quase à esquina do século XXI, portanto com um considerável atraso em relação a outros países, onde o ensino e a investigação na área, a nível universitário, começaram logo a seguir à II Guerra Mundial. São diversos e até conjunturais os factores que confluem para o estabelecimento de uma área disciplinar na academia, distribuídos pelo factor humano, institucional, estado da investigação, edição de e acesso a fontes, entre outros. Em Portugal, o acontecimento editorial decisivo fora o começo da publicação, em 1992, do 1.º volume da bibliografia seminal de A. A. Gonçalves Rodrigues *A Tradução em Portugal* (V e último volume, 1999), abrangendo os anos de 1495 a 1930. Estava aberto o caminho para se pensar o papel da tradução na história da cultura e da literatura portuguesas, que se previa não seria despreciando, sabendo-se há muito, embora porventura sem consciência, da quantidade de traduções que alimentaram as leituras dos portugueses (em vários domínios) ao longo dos séculos.

A edição portuguesa do texto de Jerónimo é primorosa, exibindo na capa em letras gigantes a palavra TRADUÇÃO, que se sobrepõe até ao nome do autor, ao título do texto e até ao nome do tradutor e organizador da edição. Sem dúvida, este arranjo da capa chamou a atenção de muitos para uma área emergente, tanto no ensino como na investigação. No ensino, e referindo-nos à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi apenas no ano 2000 que se iniciou uma licenciatura em Tradução, que viria a incluir as disciplinas de História da Tradução e História da Tradução em Portugal, que leccionei repetidamente até 2016. Contudo, faltavam ainda, em língua portuguesa, dois textos fundamentais para a história da tradução no Ocidente, significativamente versando os dois sobre métodos de traduzir: a Carta de Lutero sobre a tradução (1530), traduzida apenas em 2013 por Valdemar Ferreira e a já referida conferência de Friedrich Schleiermacher feita em Berlim em 1813 *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*, traduzida por José Justo e publicada em edição bilingue em 2003. Finalmente, em 2015, João Barrento publicou *A Tarefa do Tradutor*, de Walter Benjamin (1923) (é claro que estavam disponíveis não só nos originais como noutras línguas).

A edição preparada por Aires Nascimento é exemplar a todos os títulos, começando pela belíssima imagem extraída do *Livro de Horas* de Isabel de Bretanha e pelo facto de ser bilingue. Lamento não poder comentar a tradução propriamente dita, dada a exiguidade dos meus dois anos de aprendizagem do latim, nos idos de 60 do século passado, e nunca refrescados. Posso, sim, falar da edição em si, com os seus 5 capítulos introdutórios (54 páginas) recheados de preciosas notas, que poupam ao docente de História da Tradução muitas horas de investigação e estudo. Referindo-me apenas ao 1.º capítulo da Introdução, Aires Nascimento comenta a modernidade das ideias sobre tradução de Jerónimo, filólogo, homem de cultura e orador: fidelidade linguística, atenção a fenómenos de comunicabilidade e

recepção, isto é, à funcionalidade do texto, em que se inclui a relação com o destinatário. Perguntamos, como perguntou Steiner: Haverá hoje alguma coisa de substancial a acrescentar a isto?

### 3. Jerónimo e os problemas do traduzir e da tradução

Uma vez que a *Carta a Pamáquio* sempre fez parte das antologias que preparei para as minhas aulas de História da Tradução, passo a referir-me às potencialidades didáticas deste texto, no seu valor histórico, mas sempre em diálogo com o presente. Ou seja, procedia-se a um *close reading* do texto, não só para recolher informação sobre o seu contexto (dimensão histórica) como para daí se poderem traçar linhas de continuidade e mudança para o presente dos alunos.

Começava por salientar que a *Carta* faz / constrói o seu próprio contexto, ao informar sobre o modo de **circulação dos textos na Antiguidade** (exemplares disputados à porfia, notícias que corriam de boca em boca, tradução como condição de divulgação de textos e, conseqüentemente de ideias, predomínio da norma mais poderosa da tradução literal, v. parágrafo 2, pp. 57-59). A pergunta sobre aquilo a que hoje chamamos **oficina do tradutor**, começa na encomenda da tradução de uma carta por Eusébio de Cremona, seguindo-se uma descrição pormenorizada dos passos seguintes: “chamei o amanuense ... fui lendo em voz alta ... anotando ao lado ...”. Depois, para explicar como é que um **documento que era privado se tornou público**, Jerónimo conta a traição de “certo falso monge”, ou seja, o que ocorreu foi uma **fuga de informação**, como hoje se diria, e as razões não andam longe das de hoje: “maldade gratuita”, “corrupção”, favorecimento do adversário (parágrafos 2-4, pp. 59 e 61). Além disso, sublinha bem a diferença entre privado e público, para salvaguardar a legitimidade do que se escreve em privado, o direito ao pensamento privado, nem que de injúrias se trate. Não poupa palavras para censurar quem, divulgando ilegitimamente o que é privado, disso se aproveita para acusar o respectivo autor, neste caso “estraçalhando um tradutor” (parágrafo 4, p. 61). Assim se pode destruir o bom nome de alguém... Creio que esta denúncia de um comportamento desprovido de toda a ética em nada envelheceu.

A partir do parágrafo 5 (pp. 61-63) entramos nas reflexões sobre o traduzir e a tradução, cuja posição central é tomada “a plenos pulmões”, a opção da tradução pelo sentido, rejeitando a tradução literal. É certo que, neste passo, Jerónimo faz a defesa da tradução literal para as Sagradas Escrituras, onde “até a estrutura da frase é mistério”. Mas ao lermos as páginas seguintes, em que discute traduções concretas que os Apóstolos (Marcos e Mateus) fizeram da Septuaginta, conclui que “a diferença das palavras não obsta à correspondência na unidade do espírito”. Ou seja, a literalidade não garante a fidelidade ao sentido / mensagem, que é o que mais importa nos textos sagrados, e ninguém ousaria acusar os Evangelistas de traição ao sentido da Septuaginta, cuja autoridade não se contestava naquele tempo.

Jerónimo dedica várias linhas à justificação das suas opções. Além do argumento da autoridade – o mestre Cícero para a tradução profana e os Evangelistas para as Escrituras – afigura-se-me relevante aos olhos de hoje a reflexão sobre a ligação entre línguas através das correspondências que a tradução exige. Aqui reside o grande obstáculo à tradução literal: as línguas não se correspondem, a quase todos os níveis da gramática, incluindo o semântico. Apesar de o afirmar, e num ambiente propício à literalidade, Jerónimo acredita que o sentido se pode restituir, embora não intacto, quando se muda de língua. Nós, hoje, somos herdeiros de W. v. Humboldt (1767-1835), sabemos como a linguagem determina o pensamento e, sobretudo, não escapamos ao relativismo linguístico de Sapir-Whorf (década de 1930) tendendo a defender que mudar de língua é mudar de mundo, logo uma tradução necessariamente modifica o respectivo texto de partida em vários planos, o que não significa que não possa nem deva ser rigorosa.

Todo este campo temático se torna proveitoso para discussões em aula, tratando-se de alunos que também estão a aprender a traduzir. Mas há ainda uma dimensão pragmática do traduzir e da tradução, da qual Jerónimo tem consciência, e que é fundamental para qualquer tradutor, de qualquer tipologia textual: a atenção ao destinatário. Surge primeiro na *Carta a Pamáquio* quando o mestre Cícero é evocado, ele que foi orador, e não “simples transpositor” (p. 61), o mesmo se aplicando ao outro mestre, Horácio. O orador tem de ser convincente perante a sua audiência, o seu discurso tem uma finalidade, deve produzir um certo efeito, é essa a sua razão de ser. Por isso, “reconhece nas modalidades discursivas um valor de significação, de motivação e de sentido”, pelo que a “forma de comunicar” é “um valor fundamental”<sup>13</sup>. Na sua Introdução, Aires Nascimento lembra um conhecido episódio relativo ao efeito de uma tradução nova em contexto litúrgico-ecclesial. Confrontado com a revolta dos fiéis perante uma expressão da nova tradução filologicamente rigorosa do livro de Jonas feita por Jerónimo, o bispo de Trípolis viu-se obrigado a voltar à versão antiga a que a comunidade estava habituada<sup>14</sup>. Dada a enorme diversidade de clientes, públicos destinatários e objectivos das traduções, os tradutores hoje sabem que têm de fazer concessões aos contextos de chegada do seu trabalho (chamamos-lhe a função da tradução).

Por último, detenho-me num passo da *Carta* que também se revelou produtivo para questões que continuam em discussão. Escreve Jerónimo no parágrafo 5, auto-citando-se do prefácio de uma tradução sua do *Chronicon*, de Eusébio: “é difícil a quem segue os trilhos alheios não derrapar nalgum sítio” (parágrafo 5, p. 63). O resto desta secção ilustra esta eloquente metáfora definidora da tradução. Jerónimo conclui pela complexidade da arte de traduzir, pela relatividade de qualquer decisão de tradução, por nunca ser inteiramente satisfatória (as línguas não se correspondem!) e estar sempre sujeita a uma alternativa, enfim, conclui pela certeza de que a tradução

---

<sup>13</sup> A. A. NASCIMENTO, “Introdução”, op. cit., 1995, p. 27.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 23.

altera sempre o original – um exemplo extremo seria traduzir Homero para latim em prosa, com o resultado de que “o mais eloquente dos poetas quase perde a capacidade de se exprimir”.

Esta certeza de que não há traduções perfeitas não significa que a tradução seja inferior ao original, nada nesta *Carta* aponta para tal. Basta pensar no “monumento”<sup>15</sup> que a *Vulgata* constitui para desmentir tal hierarquia. O que se pode interpretar destas considerações é que Jerónimo, como nós hoje, já tinha consciência do valor instável, histórico e relativo, das opções de tradução, e da crítica a que sempre estão sujeitas, pelo que nenhuma pode ser considerada definitiva. A sua, da Bíblia, sobreviveria sem rivais de monta até ao século XVI, até Lutero. Esta “sobrevida” [*Fortleben*], para citar um termo caro a Walter Benjamin para a tradução<sup>16</sup>, é um diploma de excelência com duração ímpar na história da tradução.

## BIBLIOGRAFIA

- BALLARD, M., *Histoire de la traduction. Repères historiques et culturels*, Bruxelles, de Boeck, 2013.
- BENJAMIN, W., *Linguagem, Tradução, Literatura (Filosofia, teoria e crítica) (= Obras Escolhidas de Walter Benjamin, Vol. 5)*, ed. e trad. de João Barrento, Lisboa, Assírio e Alvim, 2015 (aqui “A tarefa do tradutor”, pp. 91-106).
- DELISLE, J., J. WOODWORTH (ed. and dir.), *Translators through History*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2012 [revised edition].
- CHEVREL, Y. (dir.), et alii, *Histoire des traductions en langue française*, Paris, Ed. Verdier, 4 vols., 2012-2019.
- VAN HOOF, H., *Histoire de la traduction en Occident*, Paris / Louvain-la-Neuve, Duculot, 1991.
- NASCIMENTO, A. A., “Introdução”, in São Jerónimo, *Carta a Pamáquio sobre os problemas da tradução, Ep. 57*. Introdução, revisão de edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento, Lisboa, Ed. Cosmos, 1995, pp. 9-54.
- , “O estatuto do tradutor: de mediador cultural a intérprete do texto (condições históricas com reflexão de permeio)”, in *A Profissionalização do Tradutor – VI Seminário de tradução científica em língua portuguesa (Lisboa, 10 e 11 de Novembro de 2003)*, Lisboa, FCT / União Latina, 2004, pp. 131-142.
- ELLIS, R. (ed.), et alii, *Oxford History of Literary Translation in English*, Oxford University Press, 5 vols., 2005-2010.

<sup>15</sup> A. A. NASCIMENTO, “Introdução”, op. cit., 1995, p. 50.

<sup>16</sup> Sigo aqui a opção de João Barrento, tradutor do texto de W. Benjamin, *Die Aufgabe des Übersetzers* [A tarefa do tradutor], que escolhe “sobrevivência” para *Überleben*, “condição de possibilidade da tradução” e “sobrevida” para *Fortleben*, conceito este proposto pelo próprio Benjamin para designar “uma sequência de momentos”, “um estado”, W. BENJAMIN, *Linguagem, Tradução, Literatura (Filosofia, teoria e crítica) (= Obras Escolhidas de Walter Benjamin, Vol. 5)*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2015, p. 93.

- LAFARGA, F., L. PEGENAUTE, *História de la Traducción en España*, Salamanca, Editorial Ambos Mundos, 2004.
- QVALE, P., *From St Jerome to Hypertext. Translation in Theory and Practice*, trad. Norman R. Spencer, Manchester / Northampton, St Jerome Publishing, 2003 [edição original norueguesa, 1998].
- RODRIGUES, A. A. G., *A Tradução em Portugal*, 5 vols., Lisboa, INCM / ISLA, 1992-1999.
- BAKER, M., G. SALDANHA (edd.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London / New York, Routledge, 2009 [2<sup>nd</sup> ed.].
- São Jerónimo, *Carta a Pamáquio sobre os problemas da tradução, Ep. 57*, (bilingue). Introdução, revisão de edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento, Lisboa, Ed. Cosmos, 1995.
- SCHLEIERMACHER, F., *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, [ed. bilingue]. Apresentação, tradução, notas e posfácio de José M. Miranda Justo, Elementos Sudoeste, Porto Editora, 2003 [*Ueber die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, 1813].
- STEINER, G., *Depois de Babel. Aspectos da linguagem e tradução*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio D'Água, 2002 [*After Babel. Aspects of Language and Translation*, 1975].
- VEGA, M. Á., *Textos clásicos de teoria de la traducción*, Madrid, Cátedra, 1994.
- VENUTI, L., *The Translator's Invisibility. A History of Translation*, London / New York, Routledge, 2008 [2<sup>nd</sup> ed.].
- , *The Translation Studies Reader*, London / New York, Routledge, 2012 [3.<sup>a</sup> ed.].
- VIEIRA, B., “Cícero e seu projeto tradutório”, *Calíope*, 15, 2006, 23-35.